

Galvães admite que recurso ao Clube de Paris está em estudo

Brasília e Belo Horizonte — O Ministro da Fazenda, Ernâni Galvães, admitiu ontem a possibilidade de o Brasil recorrer ao Clube de Paris. "Estamos estudando o assunto, mas esse é um problema que temos de conversar devagar", disse em rápida entrevista na portaria do Ministério. Cresce entretanto no país o consenso de que as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) não serão suficientes para resolver a grave crise econômica, admitiu um assessor de Galvães.

O Presidente da Câmara, Flávio Marçilio, terceiro personagem na hierarquia para assumir a Presidência da República, logo abaixo de Aureliano Chaves, afirmou ontem ao JORNAL DO BRASIL que "os acordos com o Fundo não vão dar certo". E também defendeu a ida do Brasil ao Clube de Paris. Para ele, a saída é negociar a dívida externa diretamente com os governos dos países nos quais estão sediados os bancos credores do Brasil.

O Senador Roberto Campos (PDS-MT), respaldado pela experiência de Ministro do Planejamento do Governo Castelo Branco, acha que recorrer a esta alternativa "é normal e desejável, mas não definitivo". Em sua opinião, o Clube aceitaria renegociar

com o Brasil apenas as dívidas europeias assumidas com os governos, e ainda assim a primeira pergunta que o Clube faria ao Brasil seria se o país tem luz verde do FMI.

Em Belo Horizonte, o presidente do Brasilinvest, Mário Garnero, declarou que "é hora de adotar uma dramática flexibilidade, tanto por parte do Brasil, quanto do FMI, das entidades internacionais e dos credores, para se encontrar uma solução para a renegociação da dívida externa do país". Para ele, o Fundo Monetário International, que até serviu de mediador para o Brasil, deve continuar nas negociações futuras.

Mário Garnero, que foi a Belo Horizonte para uma audiência com o Governador Tancredo Neves e falou à imprensa ainda no Palácio dos Despachos, disse que o Brasil tem sido muito flexível, ao atender às exigências do FMI.

O empresário acha que o FMI não deve dar ao Brasil um tratamento igual ao dispensado aos demais países. "O Brasil tem individualidade própria, sendo uma das 10 maiores economias do mundo, com um poder de venda de 45 bilhões de dólares. É uma parte importante no sistema financeiro internacional e com peso estratégico", justificou.



Figueiredo recebeu Correia da Costa durante 20 minutos